

As Retratações das Personagens Femininas em Chaucer: uma leitura de “The Clerk’s Tale” e “The Wife of Bath’s Tale”

Fernanda Zaché¹

Resumo

Este estudo pretende fazer uma análise comparativa das personagens femininas da obra *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer, destacando as semelhanças e dicotomias apresentadas nos contos, pelas personagens femininas, tecendo considerações ao ponto de vista do autor, considerando-se as inter-relações das estruturas e unidades composicionais dos contos. O *corpus* escolhido contemplou dois contos da obra do autor, respectivamente “The Wife of Bath’s Tale” e “The Clerk’s Tale”. A obra medieval do século XIV traz conteúdos relevantes, passíveis de consideração e análise, principalmente por apresentar traços contemporâneos. A partir da análise comparativa entre as personagens, suas divergentes personalidades e comportamentos, foram utilizados como embasamento teórico autores como Catharine Macaulay, Ralph Wardle e Mary Wolstonecraft com o clássico *The Vindication of the Rights of Woman*, que alicerçou as bases do feminismo moderno.

Palavras-chave: *Geoffrey Chaucer; Cantuária; Contos; Feminismo; Medieval.*

¹ Graduada em Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa/Inglês e respectivas literaturas, na Universidade Federal de Viçosa.

INTRODUÇÃO

Autor da obra *The Canterbury Tales*, Geoffrey Chaucer, escritor inglês também conhecido como “pai da poesia inglesa”, desde cedo mantivera estreita relação com a corte real Londrina. Tornou-se pajem aos dezesseis anos e em 1359 foi soldado na guerra da França. Na época foi preso e liberto por uma fiança paga pelo próprio rei. Casou-se com a dama de companhia da rainha e esteve sempre em contato com a sociedade aristocrática da corte onde era responsável pelo entretenimento das damas e cavaleiros com suas conhecidas histórias. Em seus contos, Chaucer dá uma roupagem mais moderna à sociedade do século XIV, misturando várias classes sociais em uma mesma história, com assuntos e temas avançados para a época retratada. Quando o escritor nasceu, o Latim e o Francês eram as línguas mais renomadas (o Latim comum nas igrejas, o Francês na corte real), o Inglês, porém utilizado em segundo plano, alcançara maior número de falantes na sociedade da época. Muitos dos trabalhos de Chaucer destacam um humor sutil e sofisticado, na retratação de aspectos sócio culturais tais como corrupção, insatisfação pelos fundamentos religiosos da época e principalmente a contradição de valores, por vezes em defesa da igualdade entre homens e mulheres e outrora pela autonomia da mulher no relacionamento. Destacam ainda entre outros temas: o poder do amor, a maldade, a morte, a velhice.

Mas que tipo de homem foi Geoffrey Chaucer? Embora mais dedicado à poesia cômica, é fato de que fora um poeta sério, profissional competente em seus feitos.

Como Shakespeare (Gardner, 1977), Chaucer escrevera mais para a plebe do que para a aristocracia, mais para os jovens do que para os idosos e filósofos. Foi ele um poeta iluminado e favorecido por seu tempo.

Chaucer nasceu por volta de 1340, e sua origem familiar é incerta, contudo, há inferências de que Chaucer descenda de família nobre, devido à projeção de sua alcunha. Sabe-se ainda que seu pai, John Chaucer, foi um mercador de vinhos, e nasceu por volta de 1312, falecendo por volta de 1366.

Como cidadão londrino, sempre esteve ligado à corte de maneiras variadas, desde que se tornara pajem na casa da enteada do rei, aos dezesseis anos. Viveu como agregado da corte, o que lhe garantiu bom estudo e maior dedicação às letras. Nesta época, foi sua a tradução da poesia *Roman de la Rose*, visto seu interesse pela poesia de corte, onde aprimorou seu ouvido para tal tipo de cantiga. Foi responsável pelo entretenimento de

damas e cavalheiros da corte com suas histórias e contos. Casou-se com Philippa, a dama de companhia da princesa, e teve ao menos dois filhos. Tornou-se amigo da família do Duque de Lancaster e escreveu um famoso poema pela morte da Duquesa. O autor descreveu a si mesmo como um homem gordo e modesto, de personalidade simples.

Chaucer demonstra estar à frente de seu tempo na retratação de temas e aspectos sociais, deixando transparecer, através das vozes das variadas personagens de sua criação, pontos de vista e sugestivos posicionamentos em relação aos valores humanos. O poeta inglês parece, por vezes, interessado em assuntos religiosos – visto que os cita em seus trabalhos, chegando a ser considerado e aclamado “o pai da poesia inglesa”. Há relatos de que sua obra tenha inspirado o famoso dramaturgo inglês William Shakespeare mais tarde, em seu hábil trabalho lingüístico e refinamento poético.

Mas afinal, o que eram *Os Contos de Cantuária*? *The Canterbury Tales* (1969), *Os Contos de Canterbury* (1980), da versão portuguesa, ou ainda *Os Contos de Cantuária* (1969), no português do Brasil, deixa indícios claros de que se trata da mais densa e madura obra do poeta inglês. Reúne uma espécie de narração em verso de acontecimentos curiosos na vida de diversos personagens típicos, os *pilgrims*, peregrinos que retratam um amplo panorama da sociedade medieval da época, e são compostos por homens e mulheres de classes e ofícios diversos, tais como: um cavaleiro e seu escudeiro, um mercador de armas, monges, um frade mendicante, uma priora, um pároco, um vendedor de indulgências, um estudante de Oxford, alguns profissionais liberais (um médico, um advogado, um jurista), um moleiro, um feitor, um cozinheiro, um marinheiro, um carpinteiro, um tintureiro, um tapeceiro, um marujo, um lavrador e uma viúva de cinco maridos. Seus textos animados, cheios de passagens pitorescas e caricatas, clássicas citações, ensinamentos sobre moral e bons costumes, podem mesmo ser considerados um manual de costumes do século XIV na região de Cantuária.

A obra *The Canterbury Tales* é uma composição longa, composta por um conjunto de poemas narrativos. É considerada, ainda, um dos textos mais famosos de Chaucer, uma espécie de narração em verso de acontecimentos curiosos. Descreve a trajetória de 29 viajantes que saindo em peregrinação de Tabard Inn, foram em direção à catedral de Cantuária, em Londres, para homenagear o santuário de St. Thomas à Becket, arcebispo católico morto em 1170, por partidários do rei Henry II.

Após sua visita à Itália em 1372, influenciado por obras de Dante, Boccaccio e Petrarca (o que pode ser percebido nos trabalhos posteriores), Chaucer desfila com

maestria um humor inédito, que valoriza a importância da linguagem vernácula, de (coloquialismos), destacada na fala das personagens. Na obra supracitada, o enredo se passa em torno do diálogo entre os peregrinos que caminham para cidade de Cantuária, determinados a visitar o túmulo de St. Thomas à Becket. Pessoas de classes e posições sociais díspares – que contam suas histórias uns para os outros e, cujos conteúdos certamente revelam uma influência da obra Boccacciana e entre outros artistas e escritores italianos, segundo ROBERTSON (1962). Numa época em que Dante apenas havia estabelecido o Italiano como a língua literária, Chaucer desejava com seus trabalhos, promover o mesmo à Língua Inglesa.

O enredo da trama se passa, em termos gerais, com as personagens se encontrando em uma estalagem. Todas apresentam algo em comum: desejam seguir em peregrinação à Cantuária. Todos os componentes do grupo resolvem seguir viagem juntos e, para que se distraiam e a viagem se torne mais agradável e leve, o taberneiro lhes propõe, que cada um conte uma história durante o percurso da viagem, sugerindo que aquele membro que contasse a melhor história seria brindado com um banquete pago por todos.

Os relatos, feitos pelos peregrinos durante a viagem, obedecem a uma ordem estabelecida pelo taberneiro com a aprovação do grupo, sugestiva de hierarquia social e nível educacional dos participantes. Os temas centram-se em aspectos relacionados à existência humana: amor, luxúria, sexo, morte, casamento, religiosidade, poder, entre outros, inspirados em Boccaccio e, apresentam a realidade da Inglaterra do século XIV.

The Clerk's Tale é um dos contos da obra, que tem como narrador da história, um estudante de Oxford. Ele relata a história de Walter, um nobre Marquês, satisfeito com a vida de solteiro, mas que é instigado por seu povo a casar-se e ter herdeiros pelo desejo de seu povo em ter alguém confiável e conhecido, que mantenha a harmonia deste relacionamento. Casa-se com Griselda, filha de Janícula, camponesa originária de classe baixa que, antes do casamento, faz o juramento de nunca desobedecer ao marido, dedicando-se, assim, a uma vida de submissão e obediência ao Marquês.

The Wife of Bath's Tale, um dos contos mais famosos da obra, apresenta a narração de Alice, viúva que fora casada cinco vezes e possui uma concepção bem original sobre o casamento. Retrata um ousado estereótipo de mulher, que em meados do século quatorze, soava ao tradicional costume da época, um comportamento muito inadequado para o sexo feminino. O prólogo introduz a personagem Alice como narradora personagem e propõe

uma inversão de valores no papel da mulher na sociedade; a história em si trata do abuso e desrespeito a ela, mas conclui com a vitória da mulher.

Contexto Histórico

Segundo GARDNER (1977), Chaucer viveu em tempos turbulentos. Existiram três reis durante sua vida: Edward III, que se tornou menos popular entre todos; Richard II que foi assassinado durante o reinado; e Henry IV.

Houve uma longa e contínua guerra contra a França naqueles tempos, e sempre muita discordância entre o rei inglês e o Papa. Foi o tempo da “peste negra”, que dizimou milhares, pobres e ricos, religiosos e agnósticos. A religião era grande aliada e tinha grande força de persuasão às pessoas. Muitas pessoas acreditavam que tamanho desatino era um castigo de Deus, e sob a ótica de poetas da época “*Deus estava surdo*”.

Chaucer descreve e critica, em sua obra, através da caracterização de algumas personagens, tais como o “Pardoner” e o “Summoner”, questões relativas à religião, tais como comportamentos desvirtuados daqueles que tiram proveito do dinheiro dado a igreja para enriquecimento próprio. A Priora, com suas roupas finas e seus pequenos cães, é descrita como uma oportunista que vê a religião como um meio de obter uma alta posição social.

Os peregrinos são pessoas comuns, de classes sociais distintas, níveis diferentes de educação, de aspirações e percepções, mas que comungam de um mesmo desejo, ou seja, de participarem da mais popular peregrinação da Inglaterra Medieval, a visita à cidade de Cantuária.

Ao partir para a Itália a trabalho e pedido do rei, Chaucer esteve em Genova, Pisa e Florença, num período de onze meses e descobriu o mundo maravilhoso da Renascença em ascensão, entrando em contato com a arte de autores e poetas daquele período, primordiais na composição de seus trabalhos posteriormente.

Boccaccio, Petrarca, Dante, Giotto, entre outros, foram inspirações fundamentais para que o seu embrionário projeto ganhasse musculatura e projeção.

De acordo com DURANT (2002), o surgimento e crescimento do Renascimento, no século XIV, destacaram uma estimulante atmosfera de concorrência comercial, disputas familiares, e violência, sem paralelos no resto da Itália, fatos esses responsáveis pela divisão da população entre a guerra de classes e, conseqüente, facções. Por vezes a defecção de uma família de determinado partido, decidia a sorte do governo.

O artista que se sobressaísse na sociedade ou grupo, por sua habilidade pessoal (*virtú*), nomeava sua obra como identificação. As artes, como a arquitetura, a pintura e escultura, cresciam neste período, bem como a arte dos ourives e dos artesões que trabalhavam com cerâmica. Florença foi pioneira e liderava a Europa neste quesito. Giotto di Bondone estava para a pintura do século XIV, assim como Petrarca estava para a poesia. A obra de Giotto (1334) constituiu uma revolução na época. Vasari chamou Giotto de “o companheiro e amigo íntimo” de Dante, que celebra o pintor em *A Divina Comédia*.

Vale ainda ressaltar que os temas religiosos eram um marco constante tanto na pintura, como na poesia do século XIV.

Foi então na cidade de Florença que a literatura deste século teve seu maior destaque e ascensão. Giovanni Villani, Cavalcanti, Guinizelli, Dante, foram alguns dos nomes da poesia e prosa na literatura italiana. Dante Alighieri, também conhecido como ‘O Florentino’, saudosos da cidade de Florença, introduziu a primeira e a última nota da poesia épica italiana.

Foi em Florença que Boccaccio compôs um trabalho em prosa italiana, bem como Giovanni Villani, sua mais moderna crônica medieval. Villani incluiu ainda em suas narrativas, notícias sobre obras por vir, edificações e pinturas. Há quem diga que se o escritor houvesse reunido em suas narrativas todas as fases históricas das quais viveu, suas estatísticas sociais e noções econômicas, suas personagens e efeitos estilísticos, assim como sua crônica, teriam tornado história. Boccaccio, também, destacou-se na poesia, e estabeleceu-se em Florença em 1340, época de Chaucer. Seus trabalhos destacaram principalmente a mulher, que também foi uma idealização em sua vida. (DURANT, 2002)

Em “A Renascença”, de Durant, destaca-se a *Amorosa Visione* de Boccaccio, dedicada a Fiammetta, a princesa bastarda que narra uma aventura com o poeta, ressaltando-se as emoções relacionadas ao amor, tormentos do desejo, ciúme, e abandono. No momento em que sua consciência censura a infidelidade cometida, surge a deusa Afrodite em repreensão pela covardia:

Não tenhais tanto receio de dizer que tendes um marido e que as leis sagradas e o juramento de fidelidade vos proíbem tais coisas. Isso não passa de conceitos inúteis e de objeções frívolas contra o poder de Eros, pois, à semelhança de um forte e poderoso príncipe, ele estabelece suas leis eternas; pouco lhe interessa as outras leis de estados inferiores, as quais considera disposições baixas e servis. (DURANT, 2002, p.23)

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivos gerais

Analisar as personagens femininas nos contos “The Wife of Bath’s Tale” e “The Clerk’s Tale”, da obra medieval do século XIV, *The Canterbury Tales*, do escritor inglês Geoffrey Chaucer, destacando-se as semelhanças, dicotomias e disparidades apresentadas pelas personagens femininas, situadas em contextos díspares, porém semelhantes, considerando-se as interrelações das estruturas e unidades composicionais dos contos.

1.4.1 Objetivos específicos

1. Identificar os contextos socioculturais retratados nos contos;
2. Explicitar os pontos de vista das vozes do autor, do narrador e das personagens em relação à condição social da mulher na Londres medieval;
3. Comparar as principais personagens femininas Griselda e Alice, em “The Clerk’s Tale” e “The Wife of Bath’s Tale”, respectivamente, ressaltando-se a concepção artística do autor na caracterização das personagens.
4. Identificar o uso do Cristianismo nos contos, em relação às perspectivas do autor e das personagens;
5. Destacar a importância das outras personagens e da relação estrutura e desenvolvimento temático para a constituição das personagens principais.

1.5 Justificativa

A pesquisa se justifica pela obra utilizada, *The Canterbury Tales*, ser considerada uma literatura de concepções contemporâneas. Apesar de seus setecentos anos e de sua tradição, continua sendo alvo de estudos dos mais diversos gêneros.

Chaucer foi considerado por muitos uma personalidade marcante em sua época por ser um dos principais consolidadores do idioma inglês. Sua visita à Itália, que o pôs em contato com as obras brilhantes e revolucionárias de Dante e Boccaccio, foi de primordial importância, proporcionando à obra de Chaucer um considerável incremento em termos estilísticos e temáticos.

Este longo poema narrativo do século XIV descreve a trajetória de vinte e nove peregrinos, das mais diversas classes culturais e sociais da época, que iniciam sua viagem

rumo ao encontro da catedral da cidade de Cantuária, em Londres, para visitar o túmulo do bispo Thomas à Becket, que foi morto em 1170, por partidários do rei inglês Henrique II.

Durante a peregrinação, os seguidores são convidados pelo albergueiro a contar histórias aos outros viajantes como um desafio – quem contasse o melhor conto ganharia um banquete fornecido por toda a comitiva. Cada capítulo do livro é relativo a um conto de cada peregrino. Entre os relatos de amor, sexo, morte, luxúria, traição, que buscavam retratar a realidade social inglesa do século XIV, pôde-se perceber uma clara influência da obra Boccacciana no texto de Chaucer. Este tipo de narração em verso, retratando acontecimentos curiosos, cheios de passagens pitorescas, citações clássicas ou moralismos, segundo críticos, pode ter sido influência ainda a grandes personalidades que surgiriam posteriormente, como o ilustre dramaturgo inglês William Shakespeare.

Alvo desta pesquisa, os contos “The Wife of Bath’s Tale” e “The Clerk’s Tale” serão os textos analisados, que chamam particular atenção pela contradição marcante em suas personagens femininas.

O conto “The Clerk’s Tale” é dividido em três partes: o Prólogo, a história narrada pelo *Clerk* e o *Envoy*. O curto prólogo destaca a figura de um estudante de filosofia, colecionador de livros, um perfeito exemplo para os estudantes universitários. A personagem de sua história, a jovem e pobre Griselda, remete a uma idéia de submissão e obediência, onde vemos influência de contos Petrarchianos, que têm fascinado leitores, estudiosos e, principalmente, críticos, talvez por serem por eles quase intocável. Algumas interpretações relatam que o conto seja talvez uma “fábula religiosa”, de acordo com as crenças Petrarchianas. Considerado muitas vezes por estudiosos como simplesmente “simbólico”, o caso de Griselda é tido como mais uma das construções reflexivas na voz do autor. Existem ainda especulações de que a personagem seja apenas um símbolo da paciência cristã frente à adversidade.

No conto “The Wife of Bath’s Tale”, o prólogo acaba sendo praticamente maior que o próprio conto em si, onde a mulher conta suas muitas experiências conjugais e extraconjugais. Antes que possa ser alvo de críticas, a mulher se retrata e se justifica com argumentos alusivos à *Escritura Sagrada* do tipo: “Deus nos ordenou – Crescei e multiplicai-vos!”

Alice é a protagonista do conto, que gera uma polêmica mediante a um estereótipo atípico para a época. A questão da sexualidade encarada pela mulher neste conto é um ponto relevante a ser considerado. Contudo, o que é sabido é que a voz do eu lírico é a voz

masculina do autor – um autor adiantado para sua época. As considerações desta mulher, “moderna demais”, constituem-se em pontos de vista do próprio autor, influenciado pelo contexto a que estava inserido, as influências de obras e autores em ascensão na época, e eram opiniões de um homem que não desconhecera a condição feminina de sua época e sociedade. Chaucer provavelmente não deu voz à mulher de Bath levemente, mas com o objetivo de desmitificar tabus em relação ao sexo da época e criticando a forma como eram então encarados. Vale ressaltar que as críticas às convenções sociais da época são ainda pautadas em argumentos religiosos.

1.6 Metodologia

Pretende-se com este trabalho realizar um Estudo Comparado de dois contos medievais do século quatorze: “The Wife of Bath’s Tale” e “The Clerk’s Tale”.

Será feita uma análise da obra *The Canterbury Tales*, com destaque ao contexto histórico e sociocultural da época, do autor e das principais personagens femininas.

Serão analisados artigos relacionados ao tema “feminino na Idade Média” e à obra de Chaucer, além de textos originais, escritos em forma de poesia Medieval - Inglês Arcaico (*Middle English*) e textos adaptados ao Inglês Moderno (*Modern English*).

Serão analisadas ainda considerações de terceiros em textos críticos relacionados à obra e/ou de autores contemporâneos.

Revisão Literária

O estudo comparado foi pautado em pressupostos da obra de Mary Wollstonecraft (1790) *A Vindication of the Rights of Woman*, onde a autora promove um amplo leque de reflexões e críticas sobre os valores femininos, baseados nos mais importantes ensaios, relacionados ao assunto, das últimas décadas.

Mary Wolstonecraft foi uma escritora revolucionária que lutou pela igualdade dos direitos femininos e tornou-se uma inspiração dos movimentos feministas dos séculos XIX e XX. Nascida em Spitalfields, cidade próxima a Londres, teve uma educação rigorosa do pai, que, irritadiço e desequilibrado, costumava bater em sua mãe e filhos. Com dezenove anos saiu de casa para viver com um rico negociante na cidade de Bath. Mary teve em 1797, com o escritor William Godwin, ateu e pioneiro do movimento anarquista, sua segunda filha – Mary Wolstonecraft Shelley, a escritora do clássico *Frankenstein*. Seu

trabalho mais importante, *A Reivindicação dos direitos da Mulher* (1790), lançou as bases do feminismo moderno.

2. ANÁLISE

2.1 Análise de “The Wife of Bath’s Tale”

A estrutura do conto “The Wife of Bath’s Tale” divide-se em duas partes distintas: *The Wife of Bath’s Prologue*, o prólogo, que já apresenta uma forma diferente, pois é mais longo do que a própria história que a personagem narra (80% - 24 páginas) e *The Wife of Bath’s Tale*, o conto (*tale*), que é atipicamente, mais curto que o Prólogo, ou seja, a história narrada pela Mulher de Bath, que vem acompanhado de uma “Moral”, na qual a personagem retoma a sua voz narradora e finaliza o seu relato com um julgamento de valores, comentário esse favorável às mulheres (20% - 6 páginas)

2.1.2 Análise do prólogo *The Wife of Bath’s Prologue*

O Prólogo, que deve ser em uma breve apresentação do contador, na introdução do assunto, constitui-se em uma longa exposição sobre a vida da Mulher de Bath. Nele, Alice, viúva de cinco maridos, explana seus conceitos adiantados para seu tempo, a respeito de assuntos como casamento, virgindade, castidade, aliado as suas concepções pessoais e criticando os padrões sociais e religiosos da época. Alice trata essencialmente dos valores matrimoniais, em citações de sua própria experiência, pautada nas Sagradas Escrituras, como uma espécie de pressuposto para suas teorias.

A personagem estabelece nos primeiros três versos do Prólogo o que considera “autonomia em casamento”, onde a mulher deve ter o “comando da relação”. Diz aos demais peregrinos que foi casada cinco vezes e, portanto, pode lhes oferecer, com propriedade, uma história e uma justificativa de suas numerosas núpcias. Portanto, termina o conto, relatando sua história de vida.

Alice inicia sua narrativa, após destacar a reprovação de Jesus à Samaritana por ter desposado mais de um homem, reproduzindo uma passagem bíblica, onde apóia sua teoria de que a bigamia não é uma máxima apenas masculina, mas uma ordem de Deus a ambos os sexos. Criticando a maioria das convenções sociais da época, a mulher de Bath retrata bem a situação da mulher perante o casamento e a sexualidade, e demonstra conhecimento

religioso. Os versos abaixo demonstram as argumentações de Alice sobre o número de maridos que uma mulher poderia ter:

How many myghte she have in mariage?
 Yet herde I nevere tellen in myn age
 Upon this nombre diffinicioun.
 Men may devyne, and glosen up and doun,
 But wel I woot, expres, without lye
 God bad us for to wexe and multiplie;
 That gentil text kan I wel understonde.

(CHAUCER, *The Wife of Bath's Tale* (1969), p. 204 linhas 23-29)

Quantos afinal, ela poderia desposar? Até hoje, pelo que eu saiba, ninguém definiu esse número. Por isso deixo que os outros façam suas suposições e as suas interpretações; quanto a mim, o que sei é que Deus, expressamente e sem mentira, ordenou-nos claramente isto: “Crescei e multiplicai-vos!”. E esse texto gentil entendo muito bem.

(Chaucer, *The Canterbury Tales*, tradução de Paulo Vizzioli, 1988, pág.137).

A personagem cita logo adiante alusões a Abraão e Jacó, pois ambos são exemplos de homens que desposaram mais de uma esposa. E que Salomão teve nada mais, nada menos que setecentas esposas:

I trow he hadde wives mo than oon – [...] (Salomão)
 (CHAUCER, *The Wife of Bath's Tale* (1969), p. 204 linha 36)
 And ech of hem had wives mo than two, [...] (Abraão)
 (CHAUCER, *The Wife of Bath's Tale* (1969), p. 205, linha 63)

A questão da sexualidade é encarada pela Mulher de Bath de maneira ousada e sagaz, embora saibamos que a personagem feminina é criação do escritor Chaucer, um homem que parecia entender bem das mazelas e desejos femininos de seu tempo, realizando em seu trabalho uma espécie de crítica em que desvenda os desejos do sexo feminino, vistos antes por um viés preconceituoso, numa época de tabus e censuras.

Ao discursar sobre divórcio e virgindade, Chaucer parece não desconhecer o contexto e valores certamente que o inspiraram na composição de personagem tão adiantada para seu tempo.

A mulher de Bath considera a virgindade como perfeccionismo e argumenta que a perfeição é uma virtude e quesito proveniente dos santos e de Jesus Cristo, não dela, uma

reles mortal. Faz uma analogia, utilizando-se da metáfora de pão e trigo, entre as mulheres que podem ser vistas como “finos pães brancos”, mas que ela se considera apenas “um humilde grão de trigo”:

Virginittee is greet perfeccioun;
 And continence eek with devocioun.
 But Crist, that of perfeccioun is welle,
 Bade not every wigth he shold go selle
 All that he had, and yive it to the poore,
 And in swich wise folwe him and his fore;
 He spak to hem that wold live parfitly –
 And lordings, by your leve, that am not I.
 (CHAUCER, *The Wife of Bath's Tale* (1969), p. 206, linhas 111-118)

Continuando a sua argumentação em forma de questionamento, a mulher discorre sobre a questão da virgindade:

Or where commanded he virginittee?
 I wot as wel as ye, it is no drede,
 Th'apostle, whan he speketh of maidenhede,
 He said that precept thereof hadde he noon.
 Men may *conseil* a woman to be oon,
 But conseilling is no commandement.
 (CHAUCER, *The Wife of Bath's Tale* (1969), p.205, linhas 68/73)

E onde ordenou Ele a virgindade? Sem dúvida, sei tão bem quanto vocês que quando o Apóstolo Paulo falou da virgindade, reconheceu não ter qualquer preceito sobre o assunto: pode-se aconselhá-la às mulheres. Mas aconselhar não é o mesmo que ordenar. (Chaucer, *The Canterbury Tales*, tradução de Paulo Vizzioli, 1988, pág 137).

A colocação da personagem sobre os órgãos sexuais pode ser considerada atrevidamente audaciosa e ácida. Assim, em tom de desafio, mesclado em ousadia, ela se dirige aos ouvintes, questionando-lhes sobre os instrumentos reprodutivos, que para ela, apresentam duas funções distintas, ambas justificadas pela constituição física e biológica do ser enquanto criação divina:

Tell me also, to what conclusioun
 Were members made of generacioun,
 And of so parfit wise a Wright y-wrought?
 Trusteth right well, they were made for nought!
 Gloss whoso wol, and say both up and down,
 That they were made for purgacioun

Of urine, and our both thinges smalle
 Was eek to know a female from a male,
 And for noon other cause, - say ye no?
 Th'experience wot well it is not so!
 So that the clerkes be not with me wrothe,
 I say this: that they maked been for bothe –
 That is to say, for office and for ese
 Of engendrure, there we not God displese.
 Why shold men elles in hir bookes sette
 That man shall yelde to his wife hir dette?
 Now wherewith shold he make his payement,
 If he ne used his sely instrument?
 (CHAUCER, *The Wife of Bath's Tale* (1969), p.207 linhas 121/138)

Além disso, gostaria que me dissessem: qual a finalidade dos órgãos de reprodução? E por que foram formados desse modo tão engenhoso? Acreditem-me, se foram feitos, é lógico que foram feitos para alguma coisa! Digam o que quiserem, - como dizem mesmo por aí, - que servem para a excreção da urina, ou então para distinguir fêmea de macho e nada mais... não é o que dizem? A experiência, contudo, prova que não é bem assim. Espero que os doutos não se zanguem comigo, mas, na minha opinião, eles foram feitos para as duas coisas, isto é, para o serviço e para o prazer da procriação (dentro do que a lei de Deus estabelece). Se não fosse assim, porque está escrito nos livros que o homem tem obrigação de pagar seu débito à mulher? E como poderia ele pagar seu débito, a não ser usando aquele seu instrumentinho engraçado?
 (Chaucer, *The Canterbury Tales*, tradução de Paulo Vizzioli, 1988, pág138/139)

2.2 Análise do conto “The Clerk’s Tale”

A estrutura do Conto “The Clerk” divide-se em: Prólogo (8% - 3 páginas), a história narrada pelo Clerk, o Tale (87% - 33 folhas), que constitui a parte mais longa e é dividida em seis partes, e o “Envoy” (5% - 2 páginas) uma espécie de Epílogo, ou moral, que conclui o conto, desconstruindo a idéia original.

2.2.1 Análise do prólogo *The Clerk’s Prologue*

Para introduzir o Prólogo de “The Clerk’s Tale”, notamos uma das mais impecáveis personagens de Chaucer – o estudante de filosofia de Oxford. Ele é apresentado como um rapaz idealista e engajado em seus afazeres, que possui uma extensa coleção de livros e

representa um perfeito estereótipo e exemplo aos estudantes universitários. É ele quem contará o conto sobre a paciente Griselda. Esta história aparece primeiramente no último capítulo de *The Decameron*, de Boccaccio e a lição que o autor pretende expressar parece um tanto indefinida. Críticos sugerem que Boccaccio simplesmente tomou nota de elementos da tradição oral, notoriamente popular. Contudo o texto é aberto o suficiente para permitir interpretações antifeministas, destacando a passividade de Griselda, como norma de conduta de uma mulher casada. Neste texto o narrador avisa que como era um estudante na Itália, ele encontrou-se com Petrarca, de quem ouvira o conto relatado, atribuindo, assim, a origem da história ao escritor italiano.

Um anfitrião inicia o Prólogo pedindo ao jovem e idealista estudante de Oxford que os conte um conto, e cita as palavras do rei Salomão - que pra tudo há um tempo - e que mesmo esperando o pior da história, que o seu conto não lhes dê sono:

But Salomon saith, 'Every thing hath time.'
 For Goddes sake, as beth of better cheere!
 It is no time for to studyen here –
 [...]
 But precheth not, as frères doon in Lente,
 To make us for our olde sinnes weepe –
 Ne that thy tale make us not to sleepe.
 (CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1969), p. 299 ,linhas 6-8; 12-14)

O *host* suplica-lhe ainda que não use um estilo rebuscado, mas simples e popular, e o estudante age francamente, destacando o tema central de todo o conto (certamente intencionalmente), ao prometer *obediência*:

'Host,' quod he, 'I am under your yerde.
 Ye han of us as now the governaunce,
 And therefore wol I do you obeisaunce
 As fer as reson asketh, hardily.
 (CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1969), p. 299 , linhas 22-25)

Para introduzir o conto ele cita ainda alguns poetas, com destaque a Paduan, elogiado por Petrarca, cujo estilo sutilmente iluminou a poesia italiana, e pede que, agora que jaz morto, Deus conceda descanso a sua alma:

He is now deed and nailed in his cheste –
 I pray to God so yive his soule reste:
 Frauncis Petrark, the lauriat poete,
 Highte this clerk, whose rhetorike sweete

Enlumined all Itaile of poetrye,
(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1969), p. 300 , linhas 30-33)

2.2.2 Análise do conto de *The Clerk's Tale*

O *The Clerk's Tale* é o primeiro conto do grupo E, do fragmento IV dos *Contos de Cantuária* (*The Canterbury Tales*). Ele é precedido pelo “The Summoner's Tale” e seguido pelo “The Merchant's Tale”. O “Estudante de Oxford” é o que poderia ser considerado hoje em dia um estudante de Teologia ou Filosofia, e conta a história de Griselda, uma jovem mulher, cujo marido põe à prova, por várias vezes, a sua lealdade, submetendo-a a inúmeros tormentos, reproduzidos como no livro bíblico de Jó.

O conto em si, contrariamente ao da “Wife of Bath's Tale”, é extenso e maior que o seu Prólogo, obedecendo, dessa forma, às convenções estruturais.

“The Clerk's Tale” conta a história de um Marquês Italiano, Senhor Walter, originário de Saluzzo, solteirão que é solicitado por seus súditos que se case e lhes dê herdeiros, para garantir a continuidade da harmonia existente entre súditos e patrão, com a permanência de um senhor conhecido por eles, justo e confiável como Walter. Ele concorda em casar-se, mas diz aos súditos que a escolha da esposa será sua. Decide-se, então, a casar-se com uma humilde camponesa chamada Griselda, que irá ser submetida às provações que seu marido lhe aprover.

Resumidamente, o conto trata da vida de casado entre Walter e Griselda. Depois de dar a luz a sua primeira filha, seu marido decide testá-la e envia um oficial para tomar-lhe seu bebê, anunciando sua morte. Porém, o Marquês o envia secretamente, aos cuidados de sua irmã, à cidade de Bologna. Novamente, após o nascimento do seu segundo filho, um menino que nascera anos mais tarde, o marido novamente decide testar a esposa, realizando o mesmo feito. Diante da manifestação passiva e resignada de sua esposa frente aos acontecimentos, Walter determina um último teste: apresenta uma forjada Bula Papal de anulação de seu casamento, que dá a ele o aval de casar-se novamente. Comunica e solicita a sua, agora ex-esposa, de que ela precisa se preparar para essa nova cerimônia e para sua nova esposa. Sem muito alarde ele manda trazer seus filhos, já crescidos, e apresenta a Griselda sua filha, como sua aspirante a ser sua nova esposa. Sem mais delongas ele revela todo o engano e fraude a Griselda que, cumprindo sua promessa de ser esposa fiel e obediente, aceita suas desculpas, como aceitara todas as provações. Finalmente, os quatro vivem felizes para sempre.

O Conto inicia-se, assim, com a solicitação do povo ao Marquês, que tome uma mulher por esposa e gere herdeiros que possam dar seqüência ao seu justo governo:

Accepteth thanne of us the trewe entente,
That nevere yet refuseden thyn heeste,
And we wol, lord, if that ye wole assente,
Chese yow a wyf, in short tyme ate leeste,
Born of the gentilleste and of the meeste
Of al this land, so that it oghte seme
Honour to God and yow, as we kan deeme.
(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p. 225, linhas 127-133)

E seu senhor consente então com seus subalternos, e dá sua palavra a seu povo de que escolherá uma esposa ideal:

But natheles I se youre trewe entente,
And truste upon youre wit, and have doon ay;
Wherefore of my free wyl I wole assente
To wedde me, as soone as evere I may.
But ther as ye han profred me to-day
To chese me a wyf, I yow relesse
(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p. 225 ,linhas 148-153)

Sugerem então Griselda, uma pobre, porém nobre camponesa, filha do velho Janícula e apresentam-lhe suas virtudes - beleza, pureza, humildade, graça e inocência:

Amonges thise povre folk ther dwelte a man
Which that was holden povrest of hem alle;
But hye God somtyme senden kan
His grace into a litel oxes stalle;
Janicula men of that throop hym calle.
A doghter hadde he, fair ynogh to sighte,
And Grisildis this yonge mayden highte.
(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p. 227 ,linhas 204-210)

Após a aceitação acontece o matrimônio, onde é realizado o momento da promessa de Griselda:

She seyde, 'Lord, undigne and unworthy
Am I to thilke honour that ye me beede;
But as ye wole yourself, right so wol I.
And heere I swere that nevere willingly,
In werk ne thought, I nyl yow disobeye,

For to be deed, though me were looth to deye.
(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978) p. 231 ,linhas 359-364)

Em vários momentos podemos perceber que a esposa de Walter modifica seu comportamento para adequar-se a compostura apropriada de uma “marquesa” – torna-se mais discreta, eloqüente, prudente e sábia:

She was encessed in swich excellence
Of thewes goode, yset in heigh bountee,
And so discreet and fair of eloquence,
So benign and so digne of reverence,
[...]
Nat only Grisildis thurgh hir wit
Koude al the feet of wyfly hoomlinesse,
But eek, whan that the cas required it,
The commune profit koude she redresse.
[...]
So wise and rype words hadde she,
And juggementz of so greet equitee.
(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p. 233/234, linhas 408-413; 428-431;
438-439)

Em determinado momento, o intruso narrador comenta o comportamento tolo da personagem, sobre os testes e provas aos quais o marido submete sua esposa:

Nedeless, God woot, he thoghte hire for t'affraye.
He hadde assayed hire ynogh before,
And foond hire evere good;[...]
(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p.234 ,linhas 455-457)

O Marquês decide então testar sua paciência e obediência, começando por sua primeira filha, que após seu nascimento, decide enviá-la para Bologna em segredo, e ordenando a Griselda que concordasse com sua morte. Ele reconhece que será duro para ele também, e ela, resignada, aceita e reafirma seu voto de submissão e obediência:

'And yet, God woot, this is ful looth to me;
But nathelees without youre wityng
I wol nat doon; but this wol I,' quode he,
[...]
She seyde, 'Lord, al lyth in youre plesaunce.

My child and I, with hertely obeisaunce,
 Been yours al, and ye mowe save or spille
 Youre owene thing; werketh after youre wille.
 (CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p.235/236, linhas 491-493; 501-504)

Quatro anos mais tarde, Griselda dá a luz um menino. Quando o filho completa dois anos de idade, a esposa é submetida, novamente, ao mesmo teste de Walter, e mais uma vez não o contraria:

In this estaat ther passed been foure yeer
 Er she with childe was, but, as God wolde,
 A knave child she bar by this Walter,
 [...]
 Whan it was two yeer old, and fro the brest
 Departed of his norice, on a day
 This marquys caught, yet another lest
 To tempte his wyf yet offer, if he may.
 [...]
 I wol no thing, ne nyl no thing, certain,
 But, as yow list. Naught greveth me at al,
 Though that my doughter and my sone be slayn, -
 At youre comandement, this is to sayn.
 (CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p. 239/240 , linhas 610-612; 617-620;
 646-649)

No clímax da história, o Marquês chega a forjar uma Bula Papal, onde alega a permissão para a anulação de seu casamento com Griselda, e anuncia ao público que irá se casar novamente. Frente a toda a humilhação e desonra, a esposa se mantém em equilíbrio absoluto e quase inacreditável:

He on a Day, in open audience,
 Ful boistously hath seyde hire this sentence:
 'Certes, Grisilde, I hadde ynogh plesance
 To han yow to my wyf for youre goodnesse,
 As for youre trouthe and for youre obeisaunce,
 [...]
 My peple me constreyneth for to take
 Another wyf, and crien day by day;
 And eek the pope, rancor for to slake,
 Consenteth it, that dar I undertake;

And trewely thus muche I wol yow seye,
 My newe wyf is comynge by the weye.
 (CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p.244 , linhas 790-795; 800-805)

No decurso da narrativa a personagem do anfitrião parece tratar o caso de Griselda como um exemplo a ser seguido, comparando-a com a personagem bíblica de Jó, principalmente por sua similar submissão e obediência e refresca a memória do público ao relembrar sua exemplar reputação:

Men spele of Job, and moost for his humblesse,
 As clerkes, whan hem list, konne wel endite,
 Namely of men, but as in soothfastnesse
 Though clerkes preise women but a lite,
 Ther kan no man in humblesse hym acquite
 As woman kan, ne kan been half so trewe
 As women been, but it be falle of newe.
 (CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p.248 ,linhas 932-938)

Concluindo, reforça que a estória apresentada não foi contada para encorajar as esposas a imitar a personagem, mas como lição a todos, que devem encarar as adversidades com otimismo e equilíbrio. Segundo Campos (1978, p. 31), “o estudante de Oxford, através de suas interpretações subjetivas, rejeita o ideal medieval de completa submissão de uma mulher a um homem, sem raciocínio ou compreensão”. Assim, o Clerk deixa claro o seu ponto de vista sobre o comportamento da mulher:

This storie is seyde, nat for that wyves sholde
 Folwen Grisilde as in humylitee,
 But for that every wight, in his degree,
 Sholde be constant in adversitee
 As was Grisilde; therefore Petrark writeth
 This storie, which with heigh stile he enditeth.
 (CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p.254, linhas 1142-1148)

A ironia está presente no antifeminismo, quando o narrador desconstrói sua retórica anterior. Esta conclusão traz um tom bastante diferenciado do Prólogo e do Conto, fazendo ainda uma menção à Mulher de Bath, que o precede no fim, quando introduz sua conclusão denominando-a “canção”:

And for oure beste is al his governaunce.
 Lat us thane lyve in virtuous suffraunce.

[...]

For which heere, for the Wyves Love of Bath –
Whos lyf and al hire secte God mayntene
In heigh maistrie, and ells were it scathe –
I wol with lusty herte, fresh and grene,
Seyn yow a song to glade yow, I wene;
And lat us stynte of ernestful matere.

Herkneth my song that seith in this manere:

(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p.254, linhas 1161-1162; 1170-1175)

2.2.3 Análise do Envoy

O Conto é finalizado por um *Envoy* - uma espécie de *Epílogo*, que ao dar unidade e fechamento à *The Clerk's Tale*, considerando-se as três partes que a compõem, e não só desconstrói a história narrada pelo Clerk, como acrescenta uma moral ao conto, que finaliza (ou mesmo contraria) o que foi destacado na história sobre o comportamento esperado da mulher em sociedade. Para Campos (1978), fica explícito que a voz narradora sente mais pena do que admiração pela heroína de seu conto, e, que ao criticar as atitudes de Walter, ele está demonstrando sua reprovação dos costumes medievais. Nesse sentido, Campos, acrescenta que o Clerk, ao enfatizar o seu controle sobre a narrativa, evidenciado pela estrutura do conto (*Prologue, Tale e Envoy*) e pelo uso de recursos retóricos, característicos ao gênero do romance e comuns na Idade Média, ele transmuta dos padrões de comportamento idealizados para uma interpretação mais realista e, finaliza por transmitir, explicitamente, uma moral para o conto:

Lat noon humylitee youre tonge naille,
Ne lat no clerk have cause or diligence
To write of yow a storie of swich mervaille

[...]

Folweth Ekko, that holdeth no silence,
But evere answereth at the countretaille.
Beth nat bidaffed for youre innocence,
But sharply taak on yow the governaille.
Emprenth wel this lessoun in youre mynde,
For commune profit sith it may availle.

[...]

Beth egre as a tygre yond in Ynde;
Ay clappeth as a mille, I yow consaille.

(CHAUCER, *The Clerk's Tale* (1978), p. 255/256, linhas 1184-1186 ;1189-1194; 1199-1200)

No *Envoy*, o estudante aconselha as mulheres a ignorar a passividade e a crueldade da protagonista em aceitar os caprichos cruéis de seu marido, enquanto sugere darem-se ao luxo as formas mais escandalosas de comportamento, como: não se submeter nunca, não se humilhar, não se calar jamais, e como Echo - a deusa grega mitológica, que fora transformada em ninfa e controlava o som e vivia cantando - ser selvagem, ser enfim, livre.

3. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS CONTOS

Podemos perceber claramente as dicotomias e semelhanças entre os contos “The Wife of Bath” e “The Clerk”, e uma intencionalidade do autor/narrador que também se faz notória. No primeiro conto analisado – “The Wife of Bath” – que aparece talvez, propositalmente precedendo o “The Clerk” em sua ordem cronológica, vemos uma relevante subversão de valores, desde o momento em que o personagem Alice, ao apresentar sua vida, propõe e destaca inicialmente, esta digressão de comportamento, nada comum numa época medieval, há sete séculos. Após o Prólogo, mais longo que o próprio conto, a viúva então discorre sua tão esperada história, e mais uma vez propõe a decadência do poder masculino, já inicialmente, quando deixa clara a posição de obediência do rei à rainha, que frente a sua esposa, concede-lhe plenos poderes, dando-lhe o aval para decidir sobre a vida ou a morte do cavaleiro em questão. O conto segue seu curso pautado na questão principal, um questionamento que dá ao jovem o direito a vida ou a condenação a morte, e faz o leitor refletir sobre a questão: *O que as mulheres mais desejam?* Ao encontrar a resposta, *o poder sobre seus homens*, e ter sua vida salva por uma mulher, o jovem deve obedecer à sábia senhora que lhe revelara o segredo, casando-se com ela, mesmo contra sua vontade. A velha mulher consegue fazer justiça e casa-se com o rapaz, fazendo com que ele reflita o seu comportamento arredo durante sua convivência com ela. Ao ser questionado sobre a sua vontade, o cavaleiro sente-se encurralado em decidir a proposta da sua velha esposa: ter uma esposa jovem e desejada, porém traidora e instável, ou uma mulher velha, mas, sábia, experiente e fiel. Neste momento, a decisão do cavaleiro converge novamente para o ponto principal do conto – o poder centralizado no universo feminino. O cavaleiro concede, assim como o rei concedera a rainha, o poder de decisão a sua esposa, à mulher. Ela então, munida deste poder, decide, de forma mágica, que se transformará nas duas coisas, por seu homem ter sido obediente e submisso, dando a ela tudo o que ela mais desejava – o poder sobre os homens. Quase como uma analogia a bruxaria, a mulher se transfigura fantasticamente em uma bela mulher, porém, completa

em atributos. Vale ressaltar tal alegoria, pois, as *bruxas* sempre foram um exemplo de poder e domínio, e durante muitos anos, mulheres que se sobressaíam em seus desejos e poderes, foram consideradas e punidas como tal.

Com base nas análises do Prólogo “The Wife of Bath’s Prologue”, podemos perceber que A Mulher de Bath é uma personagem atípica para a época, porém, mais atual do que nunca. Mesmo fazendo parte de um contexto medieval, do século XIV, a Mulher de Bath, uma senhora que fora casada cinco vezes, e diz ter a receita para um casamento bem sucedido: estar o poder sob o controle das mulheres. Uma mulher que acredita ser o dinheiro tão necessário quanto o amor, e dá dicas de como devem se comportar as esposas é uma personagem muito atual e moderna, que quebra tabus até hoje difíceis de serem rompidos, sobre temas ainda polêmicos, tais como: sexo, casamento, supremacia e feminismo. A título de ilustração sobre o pensamento moderno da Mulher de Bath, podemos recorrer ao seriado popular da atualidade, em que as falas da personagem chauceriana remetem à atuação da personagem de Sara Jéssica Parker, na famosa Sitcom Americana *Sex and The City* (1998), e vem ratificar a contemporaneidade da personagem da Idade Média.

Alice (*Alison* do original inglês) é uma personagem que talvez provocasse inveja à “Dona Flor” de Jorge Amado, autor brasileiro do século XX. Ambas as personagens são retratadas em contextos distantes no tempo e espaço, mas realmente envolvidas por questões semelhantes sobre a condição da mulher na sociedade, que tratam de relacionamentos conjugais, sexualidade feminina e as relações de poder. Contudo, podemos ousar dizer que Dona Flor ainda é por demais pudica, quando a comparamos com uma mulher do século XIV, que aceita bem sua sexualidade e o direito ao prazer, externando os seus sentimentos para um grupo de pessoas de ambos os sexos.

No conto seguinte – “The Clerk”, percebemos que a palavra chave gira em torno do termo *obediência*, porém, no âmbito do machismo e da hegemonia masculina. O Clerk, um estudante idealista que precede o conto, em seu prólogo introduz e direciona o leitor para o seu objetivo – ser obediente, partindo do cumprimento do que os peregrinos solicitam. O conto traz um comportamento quase absurdo do Marquês Walter, ao submeter sua esposa aos mais cruéis e abomináveis testes e humilhações, desde privar sua maternidade até renegá-la como esposa. Seu comportamento ilustra-se como uma espécie de zombaria ao desejo insistente de seus súditos, que solicitam, a princípio, o seu matrimônio, contrariando-o ao forçar-lhe a abrir mão de sua vida de solteiro para cumprir com seu

dever. Procede então abusando da paciente e obediente Griselda, e justifica suas atrocidades pela insatisfação, e ainda pelo desejo, de seu povo. Após revelar todo seu forjado plano a sua esposa e entregar-lhe os filhos já crescidos e criados, frente a sua aprovação no teste, resgata e reconstrói toda a estrutura matrimonial, destruída no decurso do conto, e finaliza com um final relativamente feliz.

Ao concluir seu conto, o estudante apresenta um *Envoy*, uma conclusão, como espécie de moral do que foi apresentado anteriormente, e desconstrói toda a hipocrisia e crueldade apresentada anteriormente, e em tom de ironia, incita aos presentes, criticando o comportamento da submissa Griselda e direcionando os ouvintes/leitores para o que ele pretende. A voz narrativa tem uma função importante e instiga a reflexão, principalmente ao citar a mulher de Bath, como pretexto, e sugerir as mulheres que encontrem as Griseldas entre elas, e mudem seu comportamento, não se submetendo jamais, sugerindo ainda todo tipo de liberdade. O conto “The Clerk”, mesmo sustentando sua visão tradicionalista do comportamento feminino em todo o seu curso, pretende ironizar e ratificar “The Wife of Bath”, ao fim, quando vem de fato ratificar o seu posicionamento com relação a mulher e a intencionalidade chauceriana pela voz dos personagens.

Dado o contexto do conto, Chaucer certamente pretende destacar a personagem Griselda como uma antítese da personagem Alice – The Wife of Bath. Neste ínterim, aproveitou-se de conteúdos já conhecidos dos contos italianos de Petrarca e Boccaccio.

O texto de Petrarca, traduzido para o Latim, retrata a heroína Griselda como um exemplo de virtude e constância. Por outro lado, de acordo com a opinião do escritor Mezieres (1382), que traduziu o texto de Petrarca para o Francês, há uma visão diferente no Prólogo – Griselda é retratada como uma alegoria de devoção absoluta da alma cristã por Jesus Cristo. Alguns críticos, como ROBERTSON (1962), analisam o trabalho de Chaucer como uma junção destas duas idéias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em um mundo de constantes e recorrentes mudanças, de valores, condutas, quebra de tabus, revoluções e evoluções. Pudemos perceber que Chaucer foi um homem adiantado para seu tempo, personificado na fala de seus medievais, contudo, tão modernos personagens. Chaucer foi, de fato, mais pioneiro nas bases do feminismo do que a própria Wolstonecraft em seus princípios e ideais feministas do século XIX, visto que

através de sua arte literária sustentava e defendia a liberdade feminina no século XIV. Mais relevante e interessante ainda a ressaltar, é o fato de este precursor ser uma figura masculina.

Embora saibamos da evolução masculina com relação à conquista de valores e espaço femininos no mundo contemporâneo, certamente que a hipocrisia e o preconceito ainda não jazem na ignomínia por completo, mas zelam pela crítica aos padrões modernos femininos, os reprimindo, até mesmo sete séculos posteriores.

Podemos dizer que há evolução através dos tempos, mas não tanto assim com relação à moral e ao sexo. Ao compararmos os aspectos sócio-culturais entre os séculos quatorze e vinte e um, verificamos que a projeção moderna de Chaucer sobre a condição da mulher em sociedade está muito à frente dos avanços conquistados no decurso dos anos. Dessa forma, afirmamos que Chaucer foi um relevante colaborador desses avanços, como do intróito da consciência da independência econômica, social e também sexual feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUCER. G. *The Canterbury Tales - A selection*. Berkshire, Great Britain: Penguin Books, 1996.

CHAUCER. G. *The Canterbury Tales*. J.M. Dent, London, 1978, 612p.

FARIAS, L. F. P.; QUEIROGA, M. G. *A Mulher de Bath: Um Símbolo da Transgressão Feminina da Idade Média*. Letras: Linguagens em Ação. Olinda, PE, 2007, v.1, p.25-32.

BLAMIRE. A.; PRATT. K; MARX, C.W. *Woman Defamed and Woman Defended: An Anthology of Medieval Text*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

WOLLSTONECRAFT M. *A Vindication of the Right of Woman*. Edited by Poston, Carol H. New York: W.W. Norton & Company, Inc.,1975.

GARDNER. J. *The Life and Times of Chaucer*. Edited by John Gardner. USA: Barnes & Noble Books, 1977.

CAMPOS, M. C. P. *Rhetoric in The Clerk's Tale*. Dissertação de Mestrado. Stillwater, Oklahoma: Oklahoma State University, 1978.

DURANT, W. *A Renascença – A História da Civilização na Itália do nascimento de Petrarca à morte de Ticiano*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record; 2002. 710p.

ROBERTSON, D.W. *A Preface to Chaucer: Studies in Medieval Perspectives*. Princeton: Princeton UP, 1962.

PETRARCH, F. *Tale of Griselda: A Tale of Wifely Obedience and Faith*. 1992, 384p.

VIZIOLI, P., *Literatura Inglesa Medieval*, Editora Alexandria, 1992. 160p.

CAEIRO, O.; CHAUCER, G.: *Os contos de Cantuária* (“Prólogo Geral”, “O Conto do Cavaleiro” e “O Conto da Mulher de Bath”), Lisboa: Brasília Editora, 1980.

NELSON, T.; *The Holy Bible, The New King James Bible, New Testament and Psalms*, Copyright, 1982.